

MATERIAL DO PROFESSOR:

COMO OS POVOS AFRICANOS USAM A ORALIDADE PARA FAZEREM HISTÓRIA?

“Na África, cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima”.

A frase, do malinês Amadou Hampaté Bâ, expressa a importância da *transmissão oral* no continente e a sensação de ouvir um sábio africano relatar suas experiências: é como se vários livros se abrissem, com uma profusão de detalhes, para dar voz às histórias e às tradições locais.

“Desde a infância, éramos treinados a observar, olhar e escutar com tanta atenção que todo acontecimento se inscrevia em nossa memória como cera virgem”, diz o etnólogo, filósofo e historiador Amadou Hampaté Bâ. A *história oral* das muitas Áfricas surgiu como uma forma de valorização das memórias e recordações de indivíduos, como um método de coleta de informações através de entrevistas com pessoas que vivenciaram algum fato ocorrido. A *Tradição oral* é a preservação das histórias, das lendas, dos usos e costumes através da fala.

Segundo J. Ki-Zerbo, a tradição oral na África: “Aparece como repertório e vetor do capital de criações socioculturais acumuladas pelos povos ditos sem escrita; um verdadeiro museu vivo”. Própria das classes iletradas, a tradição oral tem sido altamente valorizada pelos eruditos que se dedicam ao seu estudo e compilação, ao considerarem que é na *tradição oral* que se fundamenta a identidade cultural mais profunda de um povo.

A África carrega essa cultura dentro da sua tradição, que também é vista como uma rica fonte de tradição oral. Se pensarmos nas inúmeras versões que existem das lendas, contos e histórias das tribos das Áfricas, pode-se concluir como é importante a oralidade na historicidade do ser humano e até antropológicamente falando.

A oralidade é a transmissão oral dos conhecimentos armazenados na memória humana. Antes do surgimento da escrita, todos os conhecimentos eram transmitidos oralmente. A memória auditiva e visual eram os únicos recursos de que dispunham as culturas orais para o armazenamento e a transmissão do conhecimento às futuras gerações, realizadas através de relatos de vida na África, que eram efetivados pelos anciões dados como os mais sábios, devida à sua experiência de vida que traz o conhecimento acumulado. Assim, Ki-Zerbo aponta os anciões como sendo: “os guardiões velhos, de cabelos brancos, voz cansada e memória um pouco obscura, rotulados às vezes de teimosos e meticulosos (...)”; em outras palavras, trata-se de uma cultura que valoriza seus idosos dando-lhes uma função das mais respeitadas.

“A tradição oral é a fonte histórica mais íntima, mais suculenta e melhor nutrida pela seiva da autenticidade”, pois esta não carece de ser comprovada já que se trata de uma época na qual as palavras valiam mais do que qualquer valor econômico para a sociedade. Realizando uma distinção entre as tecnologias da inteligência, que dizem ser o futuro do

pensamento na era da informática, ocorre uma distinção entre a *oralidade primária*, em que a palavra, por ser o único canal de informação, é responsável pela gestão da memória social; e a *oralidade secundária*, em que a palavra (falada) tem uma função complementar à da escrita (e posteriormente à dos meios eletrônicos), sendo utilizada basicamente para a comunicação cotidiana entre as pessoas, fato muito comum na região africana no qual, em muitas culturas, a identidade do grupo estava sob a guarda dos contadores de histórias, cantores e outros tipos de arautos, que, na prática eram autenticamente os *portadores da memória da comunidade*.

Esta é passada de mãe para filho, como aponta Ki-Zerbo sob as palavras “a alegria da mãe sundiata, transtornada pela cura súbita de seu filho, ecoa ainda no timbre épico e quente dos griots (nota do próprio autor como sendo os animadores públicos) do Mali”. Ou seja, este é o caso do papel desempenhado na África Ocidental por um grupo social, chamado de *griot*, cujos relatos mais famosos, o dos feitos do rei Sundiata Keita, soberano do Império Mali.

Na questão da autenticidade do relato, já que nossa cultura ocidental necessita desta, Ki-Zerbo conclui: “costuma-se dizer que a tradição não inspira confiança porque ela é funcional”. Em estruturas sociais tradicionais, como famílias extensas e aldeias, os anciãos assumem papéis de conselheiros e transmissores da cultura local, além de poderem assumir funções judiciais e rituais, através desse tipo de autoridade (patriarcal), impondo suas decisões por persuasão, como relata a expressão “quanto mais se está em posição de autoridade, menos se fala em público. Mas quando se diz a alguém: Você comeu o sapo e jogou a cabeça fora, a pessoa compreende que está sendo acusada de se furtar a uma parte das responsabilidades”. Algumas religiões prezam a figura venerável do ancião, mas as culturas africanas levam essa relação ao extremo.

Apesar do seu uso crescente na história africana, a sua credibilidade, enquanto dado, é questionada por parte de alguns acadêmicos, pois o entrevistado pode ter uma falha de memória, pode criar uma trajetória artificial, se autocelebrar, fantasiar, omitir ou mesmo mentir. Mesmo diante dessa “não confiabilidade da memória”. O que poderia ser percebido como um problema, acaba se transformando em um recurso, uma vez que o próprio contador dos fatos, no ato de produção da narrativa histórica, não deixa de produzir uma versão do que entendeu ter acontecido.

Fato expresso quando Ki-Zerbo aponta o contador de histórias como sendo: “Tocado na corda sensível do orgulho e da glória. Em suma, a recomposição do passado está longe de ser integralmente imaginária. Encontram-se aí fragmentos de lembranças, filões de histórias que frequentemente são mais prosaicos que os ornamentos coloridos da imaginação”, isto é, cria outra forte crítica à fidedignidade das fontes orais, que são carregadas de subjetividade.

Essa subjetividade, muitas vezes, é percebida, mas é ela que muitas vezes faz a diferença, pois as fontes orais contam-nos não apenas o que um povo ou um indivíduo fez, mas também os seus anseios, o que acreditavam estar fazendo ou fizeram.

Outra questão retratada é a da *memória do ser*. A memória é a capacidade de adquirir (aquisição), armazenar (consolidação) e recuperar (evocar) informações disponíveis, seja internamente, no cérebro (memória biológica), seja externamente, em dispositivos artificiais (memória artificial). O fato fica no âmbito de a memória se focalizar em coisas

específicas, sendo um processo que conecta pedaços de memória e conhecimentos, a fim de gerar novas ideias, ajudando a tomar decisões diárias, justificando a escolha do ancião. Este trabalho é feito com o auxílio da *memória declarativa*, que, como o nome sugere, é aquela que pode ser declarada (fatos, nomes, acontecimentos, etc.) e é mais facilmente adquirida, mas também mais rapidamente esquecida, porém, é dever do ancião não deixar que esta consequência ocorra.

A *memória*, segundo diversos estudiosos, é a base do conhecimento, e como tal, deve ser trabalhada e estimulada, fato que ocorre nas localidades africanas, porque é através dela que damos significado ao cotidiano e acumulamos experiências para utilizar durante a vida.

Portanto, nas palavras de Ki-Zerbo: “A tradição oral não é apenas uma fonte que se aceita por falta de outra melhor e à qual nos resignamos por desespero de causa. É uma fonte integral, cuja metodologia já se encontra bem estabelecida e que se confere à história do continente africano uma notável originalidade”

Hampâté Bâ (1977) demonstra com exatidão *o que significa a oralidade em África*: Se formulássemos a seguinte pergunta a um verdadeiro tradicionalista (o termo *tradicionalista* significa, aqui: *detentor do conhecimento transmitido pela tradição oral*) africano: "O que é *tradição oral*?", por certo ele se sentiria muito embaraçado. Talvez respondesse simplesmente, após longo silêncio: “É o conhecimento total (...)” Contrariamente ao que alguns podem pensar, a tradição oral africana, com efeito, não se limita a histórias e lendas, ou mesmo a relatos mitológicos ou históricos, e os griots estão longe de ser seus únicos guardiões e transmissores qualificados. A *tradição oral* é a grande escola da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. *Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados*. Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. Ela é, ao mesmo tempo, religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação (Hampâté Bâ, 1977).

O *silêncio*, além de constituir-se como princípio fundamental para que haja diálogo e aprendizagem, funciona para os sábios anciãos como um processo de gestar e gerir a palavra. Exige-se um tempo de maturidade para que se pronuncie a palavra exata, que, em algumas circunstâncias, precisa iluminar uma comunidade inteira.

Bibliografia:

Hampâté Bâ, Amadou. *A Tradição viva*. In: Ki-Zerbo, J. *História geral da África: I. Metodologia e pré-história da África*. SP. Ática/UNESCO, 1982.

Ki-Zerbo, J. *História Geral da África: I. Metodologia e pré-história da África*. SP. Ática/UNESCO, 1982.

M'BOKOLO, Elikia. *África negra: história e civilizações*: tomo 1: até o século XVIII. Salvador, Editora da Universidade Federal da Bahia, 2009.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado - história oral*. RJ, Paz e Terra, 1992.

Professor: de posse deste material informativo, você pode trabalhar, em sala de aula, com os mitos africanos, dentro do site no link:

<http://tessiturabrasil.wix.com/projetolinguagens#!historias-africanas/cee5>

O material didático sobre mitos africanos você encontra no link:

http://media.wix.com/ugd/3cf08b_eafa5db9fc994ca2ac7904e3e19ef6ec.pdf

Também neste link (apesar de ser pensado para crianças de faixa etária em torno dos 9 anos, é um material muito interessante para ser aplicado para crianças de 11-12 anos):

http://media.wix.com/ugd/3cf08b_4be13369f5414ef8b75e04a2f57d831d.pdf

E um material amplo, referente à Educação *das relações étnico-raciais no Brasil: trabalhando com histórias e culturas africanas e afro-brasileiras nas salas de aula*, no link:

http://media.wix.com/ugd/3cf08b_215bee15baef480292ac2c39fdcaa468.pdf